

GORDOFOBIA, UMA QUESTÃO DE GÊNERO (?)

Valdelice Cruz da Silva Souza¹
Josiane Peres Gonçalves²

Resumo: Na atualidade, estar magro significa obter realização pessoal e profissional, enquanto ser gordo se tornou alvo de discriminação, atos provenientes da gordofobia. Destarte, buscou-se no presente estudo fruto de uma pesquisa de mestrado em Educação, identificar as representações sociais e os sentimentos dos alunos sobre a gordofobia no contexto escolar, com o objetivo de entender se o preconceito está relacionado com as questões de gênero. A pesquisa de cunho qualitativo ancorada a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, foi desenvolvida em 3 escolas públicas de Sidrolândia - MS com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, por meio de um questionário que foi respondido por 58 alunos e um grupo focal para cada escola, totalizando 16 alunos. Os dados foram analisados a partir da perspectiva de análise de conteúdo de Bardin. Os resultados indicam que o corpo, para além de sua função biológica, pode ser visto como dispositivo de diferenças nas relações de gênero e gordofobia. Ficou claro que para os alunos, o preconceito por conta da estrutura física causa dor e sofrimento para aqueles que estão fora do padrão exigido socialmente, afetando principalmente o sexo feminino em que as meninas apresentaram representações negativas sobre seus corpos, fazendo da gordofobia, uma possibilidade de discutir as desigualdades de gênero.

Palavras-chave: Educação; Gordofobia; Gênero; Pré-adolescentes.

FATPHOBIA, A GENDER ISSUE (?)

Abstract: Nowadays, being thin means achieving personal and professional fulfillment, while being fat has become a target of discrimination, acts arising from fatphobia. Thus, the aim of the present study result of a master's degree research in Education was to identify the social representations and the feelings of students about fatphobia in the

¹* Universidade Federal do Mato Grosso Do Sul/ UFMS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3987-5256>. E-mail: valczsouza@gmail.com.

² Universidade Federal do Mato Grosso Do Sul / UFMS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7005-849X>. E-mail: josiane.peres@ufms.br.

school context, in order to understand whether prejudice is related to gender issues. The qualitative research anchored to the Theory of Social Representations, by Serge Moscovici, was developed in 3 public schools in Sidrolândia - MS with students from the 5th year of elementary school, through a questionnaire that was answered by 58 students and a focus group for each school, totaling 16 students. The data were analyzed from the perspective of Bardin's content analysis. The results indicate that the body, in addition to its biological function, can be seen as a device of differences in gender relations and fatphobia. It was clear that for students, prejudice due to physical structure causes pain and suffering for those who are outside the socially required standard, mainly affecting the female gender, in which girls presented negative representations about their bodies, making fatphobia a possibility to discuss gender inequalities

Keywords: Education; Fatphobia; Gender; Pre-teens.

INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento da humanidade o corpo humano sempre foi alvo de olhares críticos, todavia, dependendo do contexto histórico e cultural, a estrutura corporal passou a ter percepções contraditórias, isso é, ora o corpo avantajado e volumoso foi símbolo de status social, sinalizando riqueza e boa saúde, ora o corpo magro entendido como o modelo perfeito devido sua funcionalidade e boa forma, pensamento este que se estabelece nos tempos atuais. Vale ressaltar, que essa ideologia, advém especificamente da sociedade ocidental, capitalista, de tradição filosófica greco-romana em que o corpo é valorizado pela sua funcionalidade.

Nessa conjuntura, a motivação de realizar esse estudo relacionado ao tema gordofobia e gênero é de buscar evidências sobre as experiências e sentimentos dos pré-adolescentes em relação aos preconceitos referentes ao seu aspecto corporal e se há diferenciação quanto ao sexo, considerando que, nessa faixa etária, as pessoas passam por um processo de formação de identidade e começa a se localizar no mundo, internalizando os conceitos estabelecidos socialmente.

Em vista disso, este texto, que é um recorte de uma pesquisa de Mestrado em Educação, teve como objetivo identificar as representações sociais e os sentimentos de pré-adolescentes, que estudam em escolas

públicas de Sidrolândia - MS, sobre a gordofobia, evidenciando se o preconceito está relacionado com as questões de gênero.

Para tanto, é apresentado inicialmente, as considerações sobre gordofobia e as percepções adversas sobre corpo no decorrer da história humana. Adiante, é levantada uma relação entre a gordofobia e gênero, fundamentando a próxima discussão que abarca a análise da temática sob a percepção dos pré-adolescentes em contexto escolar o que possibilitou trazer algumas considerações. A expectativa deste estudo é que propicie maiores conhecimentos na área, contribuindo para aqueles que dividem inquietações sobre o assunto.

GORDOFOBIA E AS PREOCUPAÇÕES RELACIONADAS AO CORPO EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS

Nos últimos anos, corpo gordo vem sendo assolado drasticamente pelos discursos gordofóbicos que difamam a imagem da pessoa considerada gorda. A fim de definir esta coerção social referente ao modelo estabelecido socialmente, o qual prestigia o corpo magro, utiliza-se a terminologia gordofobia que retrata as derivadas formas de discriminação contra o corpo gordo por meio do controle corporal. A ideologia de corpo perfeito que impera e se constitui nos pensamentos dos indivíduos corresponde a representações sociais voltadas à estética disfarçada como preocupações com a saúde.

É preciso acrescentar que a noção de comedimento se impõe como um mandamento da saúde, pautado por um padrão rígido de boa forma do corpo. Deriva destas representações que as práticas de saúde estão atravessadas por representações estéticas do corpo, ancoradas nos valores dominantes já mencionados (Sudo; Luz, 2007, p. 1038).

Podemos notar que a gordofobia se caracteriza por discriminações que oprimem o corpo gordo na sociedade por meio de representações, as quais instituem a padronização dos corpos. Conseqüentemente, os indivíduos que não se adaptam aos padrões estabelecidos como normal e belo, tendem a sofrer agressões e exclusão social.

Com isso, os indivíduos estão numa busca incansável na construção do corpo magro, isso é, “o ato de emagrecer é uma perseguição que cada vez mais se acentua nesta virada de século e atrai mais adeptos sobrepondo as distintas categorias de classe, etnia, gênero e geração” (Santos, 2008, p. 31). A conduta de emagrecimento não se atém apenas aos obesos, tornou-se uma prioridade universal, portanto, a magreza é uma referência de vida.

Embora não seja de interesse específico deste trabalho, explorar as condições da obesidade, não podemos descartar que os obesos são os que mais estão expostos a gordofobia, uma vez que esta possui o significado social de sinônimo de doença física. Conforme Secchi, Camargo e Bertolo (2009), quanto maior a massa corporal, maior é o preconceito vivido pelo sujeito. E ao contemplar a gordura como estigma de feiura, leva a sociedade a repudiar o corpo gordo, fazendo com que este público seja alvo de exclusão social justificado pelo peso.

A terminologia gordofobia é empregada, a primórdio, pelo movimento feminista que se manifestou entre os séculos XIX e XX, com mais evidência no ano de 1960, com a intenção de reivindicar os direitos das mulheres sobre seus corpos. O movimento feminista se preocupava com o fato de as mulheres serem libertas de exigências sociais em relação ao próprio corpo e concomitantemente alertava para as questões de desigualdade de gêneros existentes neste período (Pereira; Oliveira, 2016). Em tese, a gordofobia refere-se à discriminação geradora de exclusão social (Sampaio, 2018) devido ao peso do indivíduo.

É importante ponderar que as concepções de enaltecimento da magreza são característica da sociedade ocidental (Rangel, 2018), contexto em que o corpo humano em sua constituição física e biológica faz parte de um mecanismo estritamente social devido sua simbologia que lhe é atribuída e a forma em que o indivíduo se situa, age e interage no meio em que vive.

Para entendermos as concepções que são estipuladas socialmente e que produzem aversão ao corpo gordo, devemos compreender dentre outros aspectos, “os processos históricos e culturais que possibilitaram que determinadas características se tomassem tão especiais; sobre os processos que permitiram, finalmente, que certas características passassem a ‘valer mais’ do que outras” (Louro, 2000, p. 62).

Nas mediações da mutação das representações sociais, Moscovici (2000) sinaliza que nada é totalmente novo, mas são representações modificadas ao longo do tempo que estão sempre em movimento. Isto explica em como as transformações drásticas nas percepções sobre o corpo gordo, o qual anteriormente, foi visto como símbolo de riqueza e beleza.

O corpo vai muito além de uma mera ocupação do espaço, pois promove interpretações dos papéis sociais, da cultura, da subjetividade e do modo em que cada sociedade se organiza. Na visão da Teoria das Representações Sociais, o corpo vincula-se às experiências individuais com as imagens difundidas socialmente, as quais são objetivadas e corroboram ao mesmo tempo, na produção de mais representações (Jodelet, 1984).

Ao falar do corpo, é imprescindível relatar as percepções e importância que damos à sua imagem, a qual contribui para a formação da identidade pessoal. A imagem corporal se integra como elemento constituinte na construção de si e então temos o objetivo de dar significados e imagem aos corpos e, conseqüentemente, “um investimento contínuo é realizado sobre eles: próteses, pinturas, aromas, adornos, roupas, tatuagens, implantes, cosméticos são agregados para se tornarem, também, códigos identitários” (LOURO, 2000, p. 62). Ademais, o corpo sempre foi alvo de preocupação, mas os olhares lançados a ele ocorreram de maneiras adversas.

De acordo com Santos (2008), no século XIX o corpo magro foi símbolo de fraqueza e nos dias atuais se tornou privilegiado, elemento de classificações e distinções sociais. Valim (2017) argumenta que na Grécia Antiga:

Em uma breve e sucinta visão, os grandes filósofos: Sócrates (470 a 399 a.C.), Platão (427 a 347 a.C.) e Aristóteles (384 a 322 a.C.) possuíam abordagens diferentes acerca do corpo. Para Sócrates, o homem era um ser integrado por corpo e alma, esta junção torna-se importante para a interação do indivíduo com o mundo. Na perspectiva de Platão, o corpo servia de aprisionamento para a alma. Já Aristóteles acreditava que as ações humanas eram realizadas em conjunto, em um feixe entre corpo e alma em um processo contínuo. As concepções desses filósofos são a base para a compreensão sobre as diversas concepções de corpo

desenvolvidas na formação da sociedade ocidental e como ele adentrou as dimensões históricas, culturais e sociais (Valim, 2017, p. 27).

Fica perceptível que as atenções dadas ao corpo não são um mérito da sociedade atual e que em outros momentos da história humana, o corpo gordo não era apedrejado, como “[...] por exemplo, na Idade Média, as anatomias maciças eram apreciadas como sinônimo poderio, ascendência” (Araújo et al., 2018, p. 3). Aqui, o corpo avantajado esteve nos seus dias de glória, porquanto “[...] o consumo de alimentos era para poucos, nesse período, riqueza e saúde correspondiam à barriga cheia e à corpulência” (Valim, 2017, p. 45). Essa avaliação modificou-se, principalmente nos séculos XVII e XIX, iniciando as preocupações significantes em relação à alimentação.

Nessas circunstâncias, um fato histórico se torna um dos principais motivos da conversão de valores fadados à estrutura corporal. Precisamente no campo econômico, com o advento da Revolução Industrial, as atribuições relacionadas à estrutura física foram decisivas na divisão social e divisão do trabalho, fato esse que evidencia o surgimento do preconceito contra o corpo gordo.

Este cenário social configura-se em um campo propício para investimentos do mercado industrial, com o pensamento de erradicar o suposto excesso de peso, originando a discriminação e marginalização do corpo gordo. As transformações econômicas, que deram origem ao capitalismo, também fecundaram uma nova ideologia para a imagem corporal, ou seja,

[...] agora, a noção do corpo se relaciona com a concepção de máquina, sendo assim, um corpo manipulável e disciplinado. Essa transformação associa a energia dos sujeitos não mais na esfera da mente, mas do corpo, em movimentos repetitivos e controlados, um corpo na produção em série que a Revolução Industrial faz emergir (Carvalho, 2018, p. 68).

Especificamente no ano de 1990, a partir das indústrias farmacêuticas, surgem medicamentos que prometem o emagrecimento,

contando com dietas e procedimentos cirúrgicos, fatores estes, fundamentais para a busca do corpo perfeito, o que também geriu o consumismo em massa. Portanto,

O corpo passa, então, na sociedade do consumo, a ser não apenas um lugar de produção, de labor, de existência pura e simplesmente, mas de consumo. A lógica capitalista focaliza no corpo o desejo de consumo para uma vida mais bem-sucedida, feliz, um olhar que carrega consigo o hedonismo, como se o corpo fosse o único espaço de prazer dos sujeitos (Carvalho, 2018, p. 70).

Nesse momento histórico que preza o consumo, as transformações do corpo se integram a objetos de curta validade, que logo se descartam, e que devem ser inovados constantemente - o que também significa mudanças na vida cotidiana (Campos et al., 2016). A pessoa gorda é vista como estática, parada no tempo e tem a obrigação de despertar e se movimentar.

Outro aspecto a ser analisado para desvendar a gênese do fenômeno gordofobia, se refere ao discurso da medicina ancorado no pensamento capitalista do sujeito ser empreendedor do próprio corpo (Rangel, 2018). O corpo gordo na atualidade, diante da visão da medicina, é visto como um problema a ser eliminado e “[...] essas representações calcadas na biomedicina são construções discursivas e, portanto, a concepção de gordura é definida e produzida por discursos médicos, naturalizando a concepção de que esse objeto pode ser apenas definido por eles” (Carvalho, 2018, p. 35).

É preciso acrescentar que neste momento, os discursos gordofóbicos contam com a mídia, a qual também se pauta na perspectiva da biomedicina em que os critérios socioculturais determinam a necessidade de buscar saúde, coagindo o indivíduo a praticar atividades de saúde, controlar alimentação ou se sujeitar a cirurgias que acabam se relacionando mais a estética do que propriamente a saúde (Sdu; Luz, 2007).

Ao analisarmos a propagação da gordofobia numa perspectiva da teoria das Representações Sociais, podemos entender que a mídia se adéqua ao mecanismo da comunicação social. Esta é entendida como um

elemento fundamental para a subsistência das representações. Por conseguinte, “através da comunicação, as pessoas e os grupos concedem uma realidade física a ideias e imagens, a sistemas de classificação e fornecimento de nomes” (Moscovici, 2011, p. 90).

Farias (2004) ressalta o fato de que a mídia possui a capacidade de influenciar os indivíduos por meio de um poder sedutor. As pessoas são sugestionadas sutilmente a imitar atos e hábitos de moda ou de consumo, sem que haja uma percepção da reprodução social, dos códigos culturais que se criou e o valor simbólico em si, tendo em mente apenas a vontade de saciar suas necessidades, sem notar que há de fato uma ordem social implícita. Com isso, a força midiática corrobora para a valorização da magreza, criando um estigma social que conduz ao ostracismo das pessoas gordas, especificamente ao sexo feminino.

GORDOFOBIA E GÊNERO

Diante do dinamismo cultural, notavelmente sobressai as desigualdades de gênero na sociedade. As diferenças entre os sexos feminino e masculino tendem formar barreiras que um ou outro não devem ultrapassar. E é nesse contexto que os corpos entram como dispositivos de distinções entre os sexos (Louro, 2000), isso é, o corpo oferece garantias de identificações por meio dos aspectos biológicos, em que o indivíduo é definido como masculino ou feminino.

Equitativamente a gordofobia, as diferenças de gênero se constroem ao interior de uma dada cultura, trazendo o corpo como a base para determinar tais distinções sociais. Os parâmetros sociais que definem o conceito de ser homem ou ser mulher, ou como devem ser seus corpos e sua aparência corporal, se ancoram em comportamentos, modo de vida, gestos, valores e preferências ensinados no cotidiano de uma cultura, que ocorre ao longo da vida, ou seja, os papéis sociais, “nada há de puramente “natural” e “dado” em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (Louro, 2008, p. 18).

Neste sentido, Carvalho (2018) argumenta que as representações relacionadas ao corpo apresentam olhares degenerados quanto a pessoa gorda, em particular, o corpo feminino, concebendo então, padrões que

acabam marginalizando a mulher gorda. Em seus estudos, Araújo (2014) também aponta o fato de que a mulher é a mais afetada pelo preconceito, o que leva a percepção da distinção social devido às questões de gênero.

Conforme relata Stenzel e Guareshi (2002), a mulher é reparada por sua aparência física, por suas curvas, constituídas para convir às viabilidades associadas à beleza corporal, prestigiada pela estética. Embora haja atualmente o empreendimento de inserir o sexo masculino no mundo da beleza, essas práticas são vedadas pelo senso comum de que o desvelo corporal é procedente à homossexualidade e o embelezamento corporal é tido como uma regra moral e cultural para as mulheres.

Isso delibera que a mulher nunca seja ou tenha atitudes semelhantes às do homem, pois não dispõe das atribuições necessárias para sê-lo e, do mesmo modo, o homem não se condicione a ser uma mulher, delicado, sensível e amável, porquanto sua sexualidade será ameaçada. Isto indica que as desigualdades de gênero se relacionam a:

[...] uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1995, p. 3).

De acordo com Farias (2004), foi a partir de discussões de gênero que iniciaram as inquietações sobre as imposições ao corpo feminino. Atualmente, considera-se que o movimento feminista, o qual desencadeou estas discussões, passou por quatro fases. O primeiro momento se relaciona ao movimento sufragista, na busca ao direito do voto feminino, melhores condições de trabalho e salário, no caso do Brasil, principiou na Proclamação da República, findando-se na Constituição de 1934, quando as mulheres obtiveram o direito ao voto.

No segundo momento, no contexto brasileiro, os movimentos feministas aliam-se à oposição da ditadura militar e ao movimento de redemocratização (Farias, 2004). No espaço mais amplo, esta fase se destaca pela onda de questionamentos dos movimentos europeus entre os anos de 1960 e 1970, e com a utilização da terminologia gênero, a qual obteve credibilidade nas academias por volta de 1980, o que Louro (1995) denomina como reviravolta teórica, em que a história das mulheres passa para a história das relações de gênero.

Quanto ao terceiro momento, Rocha (2017) traz como destaque as discussões da autora Judith Butler, a partir de 1990, requerendo uma reflexão sobre os momentos anteriores, a fim de desconstruir alguns dogmas arraigados e não visto por eles sobre o conceito de gênero e a necessidade de denominar o indivíduo em masculino e feminino. A partir disso, os questionamentos são direcionados para além dos direitos humanos, mas também, o direito da liberdade identitária.

O quarto momento é caracterizado por sua relação com as redes eletrônicas, denominando o ativismo digital e o Ciberfeminismo (Rocha, 2017). A tecnologia de comunicação coopera para a pluralidade de discussões e vertentes ideológicas acerca de gênero. Com o auxílio da internet, a atuação feminista contestou rótulos sociais centrados na superioridade masculina, visando o empoderamento das mulheres.

Nessa dinâmica histórica, Louro (1995) discorre sobre gênero no contexto da História da Educação por entender que, “como historiadoras/es da educação, não podemos ignorar os debates que mobilizam os/as historiadores/as em geral. A ‘entrada’ do gênero nesse debate teórico precisa, portanto, ser também por nós refletida” (Louro, 1995, p. 107). Infere-se assim que a História da Educação se constitui deliberadamente numa referência masculina, escrita sempre no masculino.

A história em si, no contexto social, é ensinada e transmitida aos indivíduos pelas relações sociais. Na educação isso não difere, as práticas que educam os sujeitos são compostas por divisões e distribuições de espaços físicos, comportamentos e vestimentas, as quais formam doutrinações, diferenças de gênero e também padronização corporal.

METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolve à luz da Teoria das Representações Sociais sob a perspectiva de Moscovici que visa entender as percepções coletivas a partir dos grupos, possibilitando a compreensão sobre o fenômeno gordofobia e as relações de gênero. O ponto relevante pela escolha desse caminho epistemológico, é reconhecer em como os pré-adolescentes veem seus corpos diante das representações e padrões de beleza acerca do corpo, e como se sentem quanto a gordofobia no atual contexto histórico.

Seguindo a perspectiva dos estudos de Stenzel e Guareshi (2002) acerca da obesidade/magreza, desperta o interesse pela Teoria das Representações Sociais como condutora para obter um discernimento coerente e apreciativo sobre a gordura corporal (que gera preconceitos, no caso a gordofobia), que em grande maioria é tratada em uma demanda parcial pela psicologia e a medicina. O intuito da teoria é justamente romper com essa visão restrita, pautando-se no enquadramento histórico-crítica da realidade (Alves-Mazzotti e Gewandsznajder 2000).

Deste modo, esta pesquisa de mestrado em partes, teve como objetivo geral identificar as representações sociais e os sentimentos de pré-adolescentes, que estudam em escolas públicas de Sidrolândia / MS, sobre a gordofobia, evidenciando se o preconceito está relacionado com as questões de gênero.

Este estudo é norteado por pesquisa de cunho qualitativo, a qual possibilita uma observação mais aprofundada, quanto aos verdadeiros sentimentos dos participantes, o que propicia o entendimento da vivência dos pré-adolescentes no contexto escolar. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000), a pesquisa qualitativa possui relevância para a elaboração de estudos científicos, pois permite uma melhor compreensão das opiniões dos participantes e maior aproximação do pesquisador com os dados obtidos.

Conta-se como instrumentos de pesquisa, questionário e grupos focais, por considerá-los relevantes para pesquisas em representações sociais. Em relação ao questionário, Spink e Lima (2013) o denominam como meio de apreender articulações subsequentes de posicionamento identitário que não estão claramente expostas pelos sujeitos. No tocante ao grupo focal, Gatti (2005) explica que esta metodologia permite uma

interação entre pessoas que compartilham um mesmo dilema, as mesmas experiências, mesmas emoções e opiniões o que propicia discussões em que todos os participantes se sintam livres para concordar, expor críticas e falar sobre seus problemas.

Assim, a pesquisa foi realizada em três escolas públicas, que neste estudo foram identificadas como:

1. Escola “M” – representa a instituição de bairro, que atende, quase que exclusivamente, alunos dos pontos periféricos da cidade.

2. Escola “F” – representa a instituição de ensino localizada no centro de Sidrolândia, cujos estudantes eram moradores da área central da cidade.

3. Escola “C” – representa a escola da comunidade indígena, que atendia também alguns alunos não indígenas, mas que, em sua maioria, os estudantes eram de etnia terena. A referida escola encontra-se localizada em uma área incorporada ao município, com distância aproximada de dois quilômetros e meio do centro da cidade e, embora se trate de um espaço reservado exclusivamente aos indígenas terenas, a escola está situada na área urbana de Sidrolândia.

A priori, o interesse do campo de estudo, era de contemplar duas escolas públicas, uma de centro e outra de bairro e também uma escola privada. Contudo, a terceira instituição, quando procurada, não aceitou devido à temática da pesquisa, mais especificamente pelas questões de gênero. Segundo sua representante, este é um assunto polêmico de ser discutido no contexto social atual e os pais não se sentiriam confortáveis para tal certame. A aproximação das escolas se deu devido a seu atendimento a alunos do quinto ano os quais possuem idade que contempla a pré-adolescência

A primeira parte da pesquisa de campo ocorreu em novembro de 2019 e consistiu na entrega de questionário com perguntas abertas e fechadas para 58 alunos no total, com 15 da escola M, 23 da escola F e 20 da escola C. Essa etapa decorreu após as assinaturas e autorização dos responsáveis. Os questionários da pesquisa foram importantes para dar continuidade à realização dos grupos focais, visto que, ao serem analisadas as respostas de cada turma, foram identificados os alunos, os quais foram escolhidos por, independentemente de seu peso, demonstrarem

insatisfação a partir de sua percepção corporal e autoimagem. Os alunos escolhidos foram convidados a participar da pesquisa dentre os 58 alunos que responderam o questionário. Este procedimento foi de grande valia para pesquisa pois também serviu de análise das representações e percepções corporais, percebendo em como os pré-adolescentes viam o próprio corpo se relataram ter sofrido algum tipo de agressão referente a sua estrutura física. Partindo do resultado desta etapa, foi possível elaborar o roteiro para nortear o encaminhamento das atividades desenvolvidas com os participantes dos grupos focais.

O questionário respondido pelos alunos buscou primeiramente saber a relação dos participantes com seu próprio corpo, a fim de averiguar as diferenças entre meninas e meninos quanto a satisfação corporal. Questões relacionadas ao peso, altura, autopercepção corporal, se gostam ou não de seu corpo, entre outras, foram sobrepostas para detectar quais as opiniões e preferências corporais. Tal procedimento, além de servir como triagem dos participantes para o grupo focal, também possibilitou conhecer melhor o pensamento geral dos envolvidos a respeito de seus corpos, propiciando uma discussão de gênero.

Foi realizado um grupo focal em cada escola, em que as entrevistas foram gravadas por um *smartphone*, tendo um único roteiro como base e durando aproximadamente entre 40 a 60 minutos contados após a leitura do livro intitulado “Gorda ou Magra Abracadabra” de Giselda Laporta Nicolélis. Esta estratégia literária possibilitou um momento descontraído e, concomitantemente, direcionou o rumo da conversação, em que ao comentar sobre a história, as discussões sobre gordofobia foram naturalmente introduzidas. Ao todo foram 16 pré-adolescentes do 5º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 9 e 10 anos, tendo apenas um participante com 14 anos, pertencente à escola M, o qual era repetente do ano em questão e solicitou sua participação no grupo focal.

A identificação dos participantes, no caso, os nomes fictícios, se correlacionam com a letra de identificação de sua respectiva escola. Assim, os participantes da escola M foram 4 (quatro) alunos, aqui denominados de: Marcelo, Marta, Mirela e Marcos. Na escola C participaram 6 (seis) alunos, identificados como: Carlos, Carolina, Catarina, Caetano, Camila e Caio. Na escola F, 6 (seis) alunas participaram do grupo focal, as quais são

aqui identificadas como: Fernanda, Felícia, Fábila, Flávia, Fabiana e Fabíola, ou seja, todas meninas.

Para registrar as conversas do grupo focal, foi utilizado a gravação de entrevistas que posteriormente foram transcritas e analisadas. Este processo segue as orientações do método de análise de conteúdo de Bardin (2016, p. 34), que trata de sistematizar e organizar os dados a partir das transcrições, que significa que a “descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Tal procedimento, possibilitou a organização dos dados, evidenciando os pontos comuns e recorrentes entre os participantes, corroborando para uma análise clara sobre os pensamentos e sentimentos dos pré-adolescentes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES - “TEM MULHER QUE NÃO ACEITA HOMEM GORDO”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GORDOFOBIA EM RELAÇÃO AO GÊNERO

Neste segmento, trazemos as informações coletadas a partir do questionário e dos grupos focais. Vale ressaltar que para o questionário, as informações são relatadas de forma generalizada, havendo, portanto, nomes fictícios apenas para os integrantes dos grupos focais.

Quanto às percepções corporais, entendemos que a formação de conceitos ocorre a partir de representações contidas na cultura, as quais influenciam a subjetividade do indivíduo a partir de uma construção social (Hall, 2016). Tendo em vista essa afirmação, acreditamos que a objetivação de conceitos e representações acontece desde a infância, por meio de experiências e relações sociais (Farias, 2004).

Desta forma, foi relevante analisar esta etapa do desenvolvimento humano, no caso, a pré-adolescência. Esta fase por si só já traz conflitos e insegurança devido ao luto pela infância (Aberastury; Knobel, 1981) e por ser o momento em que o indivíduo se encontra em ocultamento social devido a espera pela mocidade e assim ter participação ativa nos grupos (Farias, 2004). O indivíduo visto no contexto escolar, inserido no dinamismo social, está submerso a cultura da magreza, portanto, internaliza ideologias ancoradas e compartilhadas pelos grupos, quando

não adeptos aos critérios socioculturais, tendem a sofrer retaliações. Pode-se afirmar que:

A criança aprende e internaliza um conjunto de valores, a linguagem e as atitudes sociais; ela modela seu comportamento pelo comportamento dos adultos e pelo de seus colegas. Finalmente, quando ela mesma se torna um adulto, se integra ao grupo que a preparou adequadamente para sua pertença a ele. Quando esse estágio é alcançado, dificuldades de ajustamento podem surgir somente se a pessoa não teve sucesso nessa assimilação apropriada, ou na aplicação adequada dos princípios que lhe foram ensinados (Moscovici, 2011, p. 156).

As literaturas referentes a gordofobia tem apontado o fato de a mulher ser o principal alvo das ações gordofóbicas. Isto se justifica devido as representações sociais que impõem que o sexo feminino seja voltado aos cuidados da beleza e do corpo (Araújo, 2014). Entretanto, a expressão “Tem mulher que não aceita homem gordo” (MIRELA), que denota as representações sociais de gordofobia em relação ao gênero, nos desloca, à uma discussão um tanto inusitada a afirmativa supracitada.

Vale destacar que o grupo focal da escola “F” foi composto exclusivamente por meninas, o que nos dá ideia de que, nesta instituição de fato, o sexo feminino está mais abalado quanto a aparência corporal. Esta eventualidade a torna diferente das demais escolas que tiveram a mesma quantidade de meninos e meninas.

Analisando as respostas do questionário, percebemos que realmente se procede o fato de que as mulheres são mais afetadas pela padronização corporal. Entre os participantes que relataram não estar satisfeito com sua aparência corporal, o sexo feminino se destacou, somente 2 meninos revelaram não gostar de seu corpo, um que se considera gordo e o outro magro. Já entre as meninas, o número foi três vezes maior de insatisfação. Os dados também transpareceram que as meninas possuem maior desejo de fazer mudanças em seu corpo a fim de manter uma aparência aceitável.

As preocupações com a aparência corporal são tratadas de maneira séria pelos pré-adolescentes. Isto inclui os cuidados casualmente visto nos adultos, mas que eventualmente, está presente na vida dos pequenos como

a prática de exercício físico para manter a boa forma, o que fica explícito nas frases das alunas da escola “F”: “Eu estou fazendo academia para me ajudar a ficar com a massa forte e com o peso na média”; ou “Eu acho ele bonito e saudável”; ou ainda “Eu tenho que cuidar do meu corpo, eu gosto do meu corpo”; e “Você fica mais à vontade cuidando de seu corpo”.

Durante a conversa nos grupos focais, alguns conceitos centrais foram expostos para desenvolver o diálogo, entre eles, as opiniões dos alunos sobre o sexo mais afetado pela gordofobia. Nas escolas “C” e “F”, o sexo feminino foi elegido como o mais prejudicado, já na escola “M”, os participantes colocaram o sexo masculino em evidência. No geral, os alunos afirmaram que as meninas sofrem muito mais preconceito quando se trata da imagem corporal.

Nesta conjuntura, Marcelo expressa seus problemas com as demandas escolares de modo singular. O aluno afirma ter realizado todas as atividades que lhe foram impostas, contudo, afirmou faltar constantemente na escola por conta do preconceito: “porque falavam mal de mim [...] me chamavam de gordo”. Essa eventualidade demonstra o quanto a gordofobia no espaço escolar afeta os alunos.

Sob esta argumentação, devemos considerar as representações sociais internalizadas e reproduzidas em torno do corpo da mulher, as quais ditam os parâmetros da imagem feminina. De acordo com Louro (2000), historicamente o corpo feminino sempre esteve em evidência, sobretudo, segue submetido a práticas disciplinadoras permanentes também na sociedade atual.

Pelo mesmo prisma, Carvalho (2018) sinaliza que estas representações sociais respaldam os olhares repulsivos contra a mulher considerada fora do padrão exigido socialmente. Equitativamente, Silva (2017) afirma que as rejeições, advém do controle do sexo masculino sob o feminino frente aos padrões idealizados e dissipados pela cultura, que objetivam as divisões sociais pautadas no sexo biológico, ou seja, as desigualdades de gênero.

A simbologia designada pelas relações de gênero, formam e idealizam os padrões que definem a identidade e subjetividade da mulher perante o próprio corpo (Secchi et al., 2009). Diante deste asserto, os alunos demonstraram estar submersos nas representações sociais que

institui os cuidados com corpo, ao revelar pensamentos ancorados no conceito de que a mulher deve ser sempre atraente e bela.

Para os alunos, não basta que a mulher seja magra, alguns atributos ainda são exigidos para que esta atinja a perfeição: “A gente percebe que tem algumas pessoas..., tem uma menina que chamam ela de sem bunda por causa do corpo dela, entendeu” (CATARINA). Esta fala evidencia o padrão de corpo necessário para a mulher ser considerada “tipo assim, mais bonita sabe” (CAIO), o que pode reforçar a discriminação daquelas que não possui tal estrutura corporal. É devido a estas representações, que as mulheres se submetem cada vez mais às cirurgias estéticas para modificar sua aparência corporal, como ilustra Mirela: “Só aquelas meninas que têm o corpão lá, mas é tudo silicone, tudo, tudo, tudo”.

Neste sentido, Sacchi et al. (2009) esclarece que as mulheres sentem a necessidade de transformar sua aparência cirurgicamente, devido a sua insatisfação com a imagem corporal frente às exigências que lhe são impostas socialmente. Semelhantemente, Santos (2008) reporta que os desejos de modificar o corpo, se trata de comparações a um corpo imaginário, construído culturalmente, todavia, difícil de obter. Além do mais, as percepções que o indivíduo possui, depende das comparações feitas a partir do corpo do outro. Portanto, o sujeito cria representações de seu próprio corpo, ancorando-os a conceitos estipulados pela maioria. É por este motivo que Moscovici (2011) afirma que criamos ou internalizamos representações a partir de representações já existentes na sociedade, as quais exercem domínio, quiçá, imperceptíveis em nossas opiniões e desejos.

Os alunos ainda demonstram que há um tipo de corpo específico, bem cuidado, magro, sobretudo, os trabalhados em academia. Especialmente os meninos, indicaram um modelo ideal, não para os homens, mas sim para as mulheres: “As que têm um corpão, gente olha e fala “Nossa, aquela ali é bonita, hein’, aí é a maior febre” (CAETANO). Ao serem indagados sobre o significado da expressão “corpão”, os alunos ressaltaram o fato de o corpo da mulher ser menos gordo e bem-vestido, reforçando a ideia de Silva (2017) quando afirma que as concepções concernentes ao corpo da mulher se dão a partir da ótica masculina.

Ainda neste contexto, Santos (2008) menciona a expressão “afinamos violão”, utilizada pelas academias, as quais claramente expõem o corpo feminino e fomenta as representações de que o corpo trabalhado será mais valorizado. Por conseguinte, estes discursos corroboram para que mulheres de várias faixas etárias tenham o desejo de modificar sua estrutura física e ancoram representações negativas sobre seus corpos.

Nas conversas dos grupos focais, as observações voltaram-se sobre as meninas terem maiores preocupações quanto as estruturas corporais “porque algumas meninas falam ‘Ah, queria ser igual daquele dali, queria ser magra, ter um corpo diferente’” (CAETANO), da mesma maneira, Fernanda, Fabiana, Felícia e Catarina, afirmaram que as discriminações e cobranças corporais ocorrem frequentemente entre as meninas, pois “os meninos não se importam com essas coisas” (FÁBIA).

Estas preocupações, podem estar associadas às questões corporais advindas do início do surto de crescimento e da puberdade. Este processo tende a ocorrer primeiro com as meninas, influenciando no peso, na altura e na percepção de si, ou seja, “[...] as alterações físicas e o aparecimento de características sexuais secundárias são frequentemente uma causa do aumento de interesse do indivíduo por seu próprio corpo e de um grande aumento no nível de autopercepção” (Lima, 2013, p. 24).

Neste contexto, Lima (2013) ainda ressalta o fato de que as meninas se envolvem mais com o mundo da moda, o qual alimenta firmemente a padronização dos corpos, portanto, se tornam mais vulneráveis às concepções corporais vigentes. Desta feita, é inevitável que estas pré-adolescentes desenvolvam distorções e insatisfação quanto aos seus corpos, devido as representações sociais sobre discursos gordofóbicos.

Entretanto, expressões excêntricas como “porque tem mulher que não aceita homem gordo” apresentado por Mirela, transportam a discussão à uma direção inusitada, do que foi revelado até aqui. Embora as literaturas enfatizem que as mulheres possuem mais dificuldade em se estabelecer em uma vida a dois devido sua aparência (Carvalho, 2018), a partir da percepção de Mirela, pode-se entender uma nova construção social mediante ao sexo e ao corpo, em que os meninos também são rejeitados quando o assunto é relacionamento amoroso.

Em consonância a fala de Mirela, Fernanda também expõe que os meninos não dão atenção ao corpo e não cuidam da saúde, “É que tem uns vídeos no youtube que mostra aqueles meninos bem gordos, que nem cabe na cadeira”, portanto aqui, percebe-se que o sexo masculino está propenso à rejeição. Para Souza e Gonçalves (2019), tal representação já está se efetivando socialmente. Em sua pesquisa, as autoras também evidenciaram que o sexo masculino está em conflito quanto a sua aparência física e sofrido discriminações frente as cobranças de relacionamento amoroso.

A autoras ainda evidenciaram um fato relevante a ser discutido em sua pesquisa em Naviraí em 2018, pois o grupo de pré-adolescentes participantes do grupo focal foi composto por 5 meninos e apenas uma menina, um episódio bem distintos do grupo focal da escola “F” de Sidrolândia, integrado apenas por meninas. Além do mais, um destes meninos demonstrou ser alvo de opressão por não possuir atributos corporais necessários para encontrar uma parceira “[...] Meu pai também me fala isso: ‘Se quer namorar, é só parar de comer e estudar’(A5)” (Souza; Gonçalves, 2018, p. 940).

Por este motivo, entende-se que o poder da gordofobia perpassa o binômio masculino/feminino em que os homens assim como as mulheres, estão em conflito com sua percepção física e também sofrem pressão quanto aos relacionamentos amorosos. O fato é que embora ainda exista firmemente as desigualdades nas relações de gênero na sociedade, e que o sexo feminino é ainda o mais afetado pela gordofobia, não se pode afirmar que este é um problema exclusivo da mulher. De acordo com Neto e Campos (2010), o corpo do homem sempre sofreu menos pressão no que se refere aos padrões de beleza, no entanto, as representações sociais de corpo ideal, têm invadido a fronteira dos sexos e os atingido vigorosamente nos dias atuais.

Vale aqui ressaltar que as simbologias acerca do corpo se modificam e se reafirmam periodicamente. Segundo Moscovici (2000), nenhuma consideração sobre os objetos é cristalizada, estante, mas sim sofre alterações por conta do dinamismo social, e nesta dinâmica, o corpo ganha predicativos nada estático. Portanto, estas modificações se estabelecem por meio de novas representações e implementam novas opiniões na vida dos

sujeitos. Isto não implica que há igualdade nas relações de gênero quanto às cobranças corporais, por mais que tais eventualidades demonstrem algumas peculiaridades, a singularidade da escola “F” e os relatos averiguados no questionário corroboram para o pensamento de que a mulher ainda continua como o principal alvo da gordofobia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, considera-se que a gordofobia se estabelece na sociedade a partir de representações sociais negativas aos indivíduos considerados gordos. Estas representações sociais indicam a padronização corporal e retaliações para aqueles que não conseguem se enquadrar a tal estrutura física. Fundamentadas nos discursos médicos e midiáticos, as representações sociais no contexto histórico atual estão relacionadas aos cuidados com o corpo e se demonstram pautadas especificamente na estética do que na saúde propriamente dito. A busca pela magreza se tornou, portanto, uma prioridade e o corpo magro uma referência de bem-estar e boa forma, fazendo com que o corpo gordo seja evitado a qualquer custo, causando sofrimento e exclusão.

Em relação a problemática da pesquisa, isto é, se a gordofobia está estritamente relacionada às relações de gênero, algumas considerações são cabíveis. Conforme se analisou na literatura, a mulher dentre as variadas representações que fundamentam as desigualdades de gênero, as representações sobre seus corpos estão em evidência quando o assunto é aparência corporal. Ficou muito claro que o corpo feminino deve estar dentro dos padrões estabelecidos pela cultura da beleza na sociedade contemporânea.

Por outro lado, se teve clareza do dinamismo das representações sociais apontada por Moscovici quando se percebeu nos relatos dos pré-adolescentes que atualmente, as coerções corporais também estão afetando o sexo masculino, entendendo que o fenômeno gordofobia não seja uma discriminação exclusiva ao sexo feminino. No entanto, ao estabelecer uma diferenciação entre os gêneros a partir das representações

dos participantes, é importante reconhecer que de fato a gordofobia, embora não afete somente as mulheres, pode ser considerada como uma discriminação relacionada as questões de gênero, uma vez que se entende que o controle dos corpos ainda afeta mais o corpo feminino.

As representações sociais ainda impõem que a mulher deve ser atraente e bela. Os relatos dos meninos, confirmaram a ideia do que se espera do corpo feminino para que a mulher seja considerada bonita, isto indica que a beleza feminina ainda está sob o controle e olhar do sexo masculino. Com isso meninas estão cada vez mais insatisfeitas com seus corpos, causando distorção em sua autopercepção, o que ficou evidente quando este público foi o que mais desejou alterar seus corpos em busca da padronização às exigências sociais.

Por fim, entende-se que a gordofobia é um fenômeno presente no contexto escolar em que as representações sociais negativas ao corpo gordo também se correlacionam com as relações de gênero e seguem se reproduzindo. Contudo, as transformações destas representações, indicam que quaisquer pensamentos, por mais que estejam internalizados por um longo período, podem se desconstruídos socialmente, assim, há uma ideia utópica de que um dia, as desigualdades e o controle de um polo sob o outro, poderão ser extinguidos do meio social. Por isto, se propõe como solução, reflexões e maiores discussões acerca da gordofobia e desigualdade de gênero a fim de desconstruir as representações que invocam os dispositivos de diferenças no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981. Tradução Suzana Maria Garagoray.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2000.

ARAÚJO, Lidiane Silva et al. Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. *Psicologia em Estudo*, Paraná, v. 23, n. 2, p. 1-17, 15 ago. 2018.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições Ltda, 2016.

BRANDL NETO, Inácio; CAMPOS, Ivanir Glória de. A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes: serge moscovici. *Caderno de Educação Física*, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 17, p. 87-99, jun. 2010.

CAMPOS, Silvana da Silveira et al. GORDINHA DA SILVA: análise discursiva acerca do corpo feminino considerado gordo no universo dos blogs. *Demetra: alimentação & saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 629-642, 10 ago. 2016.

CARVALHO, Alexandra Bittencourt de. Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas. 2018. 138 f. *Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras*, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Nos bastidores da moda: um estudo sobre representações de vestuário e de imagem corporal por um grupo de pré-adolescentes. 2004. 140 f. *Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Economia Doméstica*, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2004.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

LIMA, Flavia Evelin Bandeira. Imagem corporal e desempenho motor de adolescentes escolares. 2013. 120 f. *Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Física*, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, escola e identidade*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, dez. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pró-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, dez. 1995.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, Não é um mês válido! 1995.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. Influences conscientes et influences inconscientes. In: MOSCOVICI, Serge (ed.). *Psychologie sociale des relations à autrui*. Paris: Nathan/her, 2000. p. 141-160.

NICOLELIS, Giselda Laporta. *Gorda ou magra, abracadabra*. 19. ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1985. Coleção Girassol.

PEREIRA, Bruna Barbosa; OLIVEIRA, Pedro Pinto de. Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. In: INTERCON- SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 39. 2016, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2016. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1719-1.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2020.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. *O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados*. 2018. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

ROCHA, Fernanda de Brito Mota. *A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital*. 2017. 136 f. Dissertação

(Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

SANTOS, Lígia Amparo da Silva. O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais alimentares cotidianas a partir da cidade de Salvador. Salvador: Edufba, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: Sos Corpo, 1995.

SECCHI, Kenny; CAMARGO, Brígido Viseu; BERTOLO, Raquel Bohn. Percepção da Imagem Corporal e Representações Sociais do Corpo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 229-236, jun. 2009.

SILVA, Milena Oliveira da. Corpo, cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia. 2017. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde Instituição de Ensino, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Discussão sobre gordofobia e estereótipos de gênero: relatos de pré-adolescentes no contexto escolar e familiar. In: X JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DA UFMS/CPNV, 10., 2018, Naviraí. Anais [...]. Naviraí: Ufms, 2018. p. 928-943.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Vivências de Gordofobia e Discriminações de Gênero entre Pré-adolescentes Naviraienses. In: VI CONEDU, 6., 2019, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: Realize Editora, 2018. p. 1-12.

STENZEL, Lucia Marques; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. A dialética obesidade/magreza: um estudo em representações sociais com adolescentes. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 0, n. 6, p. 183-194, set. 2002.



HALL, Stuart. Cultura e representação. Org. Arthur Iruassu, Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016, p. 260. 2016

SUDO, Nara; LUZ, Madel T. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.L.], v. 12, n. 4, p. 1033-1040, ago. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232007000400024>.

VALIM, Claudineia Cristina. Moda plus size em governamentalidade: (in)visibilidades sobre o corpo da mulher gorda na contemporaneidade brasileira. 2017. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

Recebido em 03/06/2024.

Aprovado em 04/04/2025.